Pivete

Sentado sobre aquele caixote de pernas abertas com o tórax nu em seu calção de pernas largas, que por pouco não mostrava seus órgãos genitais.

Seus olhos parados através das inúmeras frestas do barraco, contemplava a noite de estrelas depois de haver consumido alguns cigarros de maconha e alguns excitantes. Sua mente flutuava via as estrelas no céu claro e límpido chegarem até as frestas do barraco tentando entrar com um brilho azul majestoso, para depois se transformarem verde e rosa, e por fim em um vermelho vistoso com seus olhos enormes que de uma maneira estranha pareciam sorrir para ele e convidá-lo para ir ao céu pois gostaria de flutuar com ele de fora a fora para lhe mostrar o mundo com suas verdades. Se bem que o mundo e suas verdades há muito ele conhecia.

Em sua alucinação o último cigarro de maconha entre os dentes finos e apodrecidos deu sua última tragada sentindo seu cérebro ser penetrado por uma estranha ansiedade e um prazer suave; contemplou as estrelas vermelhas de olhos enormes por mais alguns instantes e de súbito saltou do caixote metendo as mãos sobre as frestas da tábua tentando agarrar ao menos uma delas que vendo sua intenção fugiram voltando para o céu; ele praguejou esmurrando as tábuas do barraco chegando a arrancar algumas esfacelando suas mãos, exausto caia no chão murmurando palavras sem sentido: - Vou conseguir… sou grande! Perigoso! Todos temem o Pivete. Eu mesmo temo confesso; pois sei até que ponto ele é capaz de ir. Ninguém o conhece no íntimo como eu o conheço! Sei que irei conseguir! Ninguém até hoje conseguiu; mas eu conseguirei… será fácil… muito fácil… sozinho dinamitarei o carro forte, levarei e me transformarei em um assaltante de banco!

O cargo mais alto ao qual marginais como os conhecidos trombadinhas e traficantes de drogas

como a maconha a droga mais menosprezada por sua classe; via-se sendo alvo constante de risos de seus comparsas que diziam para ele tentar traficar cocaína ou procurar ser líder de quadrilhas organizadas.

Um dia furioso arrancando da cintura um punhal decepou a orelha de um deles, durante dias ele teve que se esconder; fugiu para São Paulo pois havia sido jurado de morte por aqueles que viram a orelha de seu companheiro cair ao chão e aos gritos surdos do negro que descia a ladeira em desabalada carreira abaixo tapando com uma das mãos o ferimento que sangrava sem cessar. De carona chegou ao seu destino; a primeira noite em um viaduto com uma prostituta de cabelos claros lisos como os seus. Era franzina e seios ainda não havia naquela mulher de nove anos de idade. Durante dias ela permaneceu em sua companhia e sob seu sustento. A noite ela saia para as ruas voltando quando o dia começava a surgir com muitos pacotes de enlatados, alguns cigarros de maconha e algumas latas de cola e os dias sucessivamente

corriam sem nenhuma novidade, até que um dia, o dia amanheceu a tarde chegou e a jovem prostituta não mais voltou; cansado pela espera sentindo falta da cola e de seus costumeiros cigarros de maconha viu que era chegada a hora de tentar sobreviver sozinho, pois sabia que ela não mais voltaria; a possibilidade de estar morta ou detida em algum lugar era natural no meio ambiente que viviam e assim resolveu também partir.

Perambulando pelas ruas movimentadas, maltrapilho com a camisa de mangar curtas e largas no seu corpo franzino e seu short de barras desfeitas sem sapatos pois nunca os usou, em sua estatura de 1,50 de altura, caminhou pela imensa multidão apressada com os olhos voltados sobre ele apertando mais seus passos quando notavam que vinha em sua direção ou trocando rapidamente de calçada. As senhoras com suas bolsas nos ombros a seguravam firme, assim como suas sacolas com toda força lhe cabível e fugiam de suas vistas, os homens por seu lado o fuzilavam com os olhos fazendo caretas, uma tentativa de intimidar aqueles

olhos inquietos que corriam para um lado e para o outro sem nunca fitar alguém nos olhos. Seus olhos eram tão rápidos como suas mãos pequenas de dedos longos e finos como as pernas de uma aranha e como tal tinha preferência por vítimas indefesas e frágeis; como a velha senhora está que apresentava com seus cabelos brancos e andar lento ter mais de sessenta anos; com sua bolsa nos ombros e inúmeros pacotes nas mãos, um alvo que chamou sua atenção. Ele apertou seus passos atravessando a calçada indo em sua direção, correu os olhos para os lados; estava limpa a passagem para a fuga; prendeu a respiração para ver se assim seu estômago parava de roer e de avisar que estava faminto; passando adiante da velha senhora de óculos com lente grossa diminuiu o andar deixando que assim ela despercebidamente passasse a caminhas ao seu lado e ao parar diante do sinal vermelho para atravessar a rua; voltou o rosto para o lado depois de olha-lo de maneira distante. Sentiu apenas um forte puxão sentindo que seu braço havia deslocado e com um forte murro na espinha caia ao

chão; com o grito de socorro e um aviso de assalto houve tumulto geral ao vê-lo em desabalada carreira atravessando a rua movimentada com os faróis abertos, correndo sem direção procurando sair das vistas de todos agarrando fortemente a bolsa indo de encontro com a polícia em uma esquina que dobrava para fugir do tumulto. Seus olhos arregalaram deixando a bolsa cair aos pés, estava cercado; sua mente e suas experiências diziam a ele. Agarrado pelos cabelos após levar o primeiro chute na área do estômago, algemado foi posto no camburão ao lado de dois policiais. A viatura com sua sirene alarmava a todos a cena de violência que ocorria dentro da viatura era ignorada; os murros no nariz pequeno, os dentes estragados eram amassados aos pontapés de forma desumana. Horas depois tendo rodado por subúrbios sem direção o carro era parado em um terreno baldio e ele era posto para fora com o nariz deformado, olhos inchados e pretos e dois dentes quebrados ao meio, a bolsa que fora furtada era por um deles aberta e o dinheiro retirado e guardado no bolso do homem fardado os risos vieram ao lado de

uma ameaça de ser liquidado se fosse novamente pego e recebendo um pontapé nas nádegas era abandonado no local.

No dia seguinte com as lembranças da noite passada e as dores persistentes ao redor do nariz e olhos pelo espancamento sofrido; sentia-se fraco com um dia todo sem alimentação e uma terrível tremura nas mãos olhos delatados e vibrantes com uma ansiedade incontrolável, saia novamente pelas ruas chegando nas feiras livres e no meio da multidão que com suas sacolas pechinchava insistentemente para que seus feirantes lhe dessem descontos razoáveis. As barracas de frutas espalhadas pelos caixotes a mostra tudo muito fácil para alguém que estava no ramo em que a lei exigia ter apenas mãos ágeis e rápidas; de costas para as barracas como que observando as pessoas agitadas ao seu lado; uma das mãos levantava a camisa surrada e com mau cheirosa em questão de segundo sua barriga avolumava como a de uma mulher gestante; segurando com naturalidade a barra da

camisa saia indo em direção a um pontilhão qualquer fazer sua primeira refeição.

Durante a noite os primeiros sintomas do desejo pelo vício começaram a surgir com suas mãos trêmulas voltava novamente para as ruas sentindo indícios de calafrios e febre fugiu do tumultuo do centro da cidade indo dormir em uma parte aos fundos de uma igreja; nas primeiras horas do dia a porta era aberta por uma senhora de rosto distante, que era atacada e sendo segurada pela garganta e levada para aos fundos da igreja com violência sob os gritos alucinados daquele homem que apoderando-se de uma estatueta se via imobilizada diante da ameaça que exigia o dinheiro da coleta para não ser estrangulada. Obedecendo a ordem a caixa da coleta era aberta retirando o que havia dentro entregava a ele que mantinha com força a pequena estatueta nas mãos; num gesto brusco tomava o dinheiro levantando o objeto acima de sua cabeça não atendendo as súplicas de compaixão com a brutalidade a desferia em sua cabeça. Fugindo em desabalada carreira voltava para os

pontos aglomerados do centro da cidade onde encontrava seus famosos trombadinhas bem-vestidos com seus jornais nas mãos para ocultar seus furtos e confundir suas vítimas. Ele se aproximou do pequeno círculo que analisando sua “aparência” risos discretos surgiam procurando segurar uma enorme gargalhada correndo os olhos de baixo para cima daqueles homens franzino e trêmulo de calção gastos e camisa enorme sem sapatos. O ódio o envolveu por completo; seu orgulho ferido dizia que se portasse uma arma mataria um a um; mas ele também afirmava que um dia seria maior que eles!

- Dá logo o endereço para que ele vá, pois ele poderá chamar a atenção dos tiras e nos trazer problemas. Resmungou um deles.

- Dobre a esquina o nome da sapataria a serviços rápidos e diga ao chefe que o turbina o mandou lá para descolar essa é a deixa…

Segundos depois ele voltava para o viaduto, sentava-se no gramado com um saco plástico tapava o nariz e a boca aspirando e inspirando

profundamente por algum tempo esta tarefa ele cumpriu parando quando se viu sem fôlego com a visão turva e o sangue subir sobre sua cabeça lhe causando um peso insuportável para seu corpo pequeno de quarenta quilos. Seu raciocínio lento e morto lhe disse baixinho dentro de seu cérebro dopado: - Solte o bode. Pendendo a cabeça para o lado com o corpo caído; sentiu-se uma golfada quente correr-lhe pelo nariz e boca em líquido amarelo misturado com detritos de maçãs desfeitos pelo estômago que havia sido ingerido por ele naquela manhã. Momentos depois voltava para as ruas perambulando; na madrugada encontrava uma roda de pessoas como ele e passava a fazer partes deles traçando amizades e por simpatia ganhava algumas bitucas de maconha e festejavam com danças obscenas até serem interrompidas por um grito alucinado que levantava no meio deles: - Os porcos! Os homens vêm aí, sujo. Cai fora!

Havia uma pequena hipótese se ele não tivesse tão enlouquecido talvez conseguisse escapar, pois muitos deles tiveram êxito; mas em